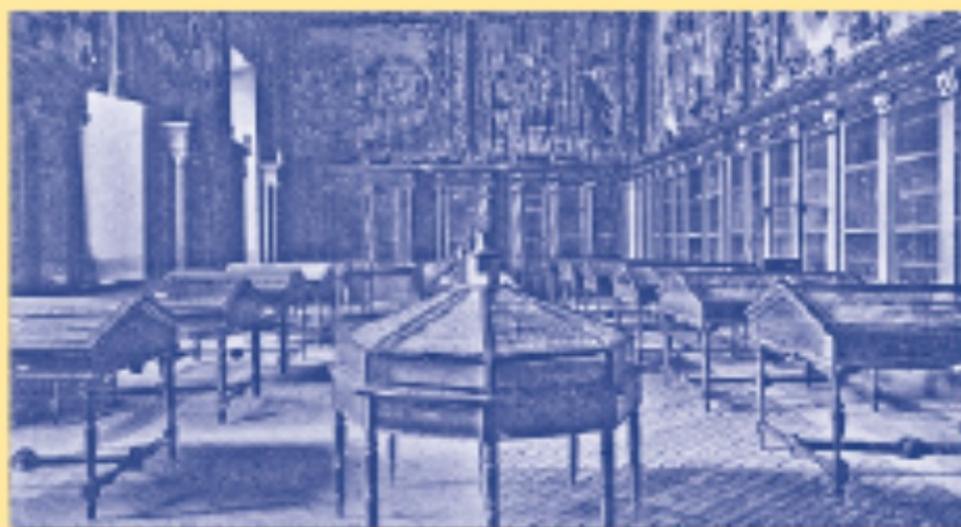


JAVIERARNALDO / ALICIA HERRERO / MODESTA DI PAOLA
(EDS.)

Historia de los museos, historia de la museología

España, Portugal, América



ISBN 978-84-18105-34-0

De espaços de oração a espaços de fruição – a musealização de dois conventos mendicantes masculinos em Portugal – S. Francisco de Lisboa e Nossa Senhora dos Remédios em Évora

MARIA DO CÉU TERENO
MARIA FILOMENA MONTEIRO
MANUELA MARIA TOMÉ

Introdução

As fundações de casas religiosas contribuíram de forma relevante, para o desenvolvimento dos locais onde se implantaram. Deram origem não só à criação de malha urbana, mas também nos legaram um património notável, de todo um acervo que foram constituindo através da edificação de construções, na pintura e estatuária com que as foram dotando, para além dos objetos litúrgicos e de utilização quotidiana de que nelas careciam.

Os dois antigos cenóbios objeto do presente estudo, S. Francisco da Cidade de Lisboa e Nossa Senhora dos Remédios em Évora, fundados por Ordens religiosas distintas e em diferentes épocas, encontram-se localizados em cidades de características também diferenciadas: Lisboa, capital do país, implantada adjacente ao Atlântico, e na foz do rio Tejo, e Évora, capital de distrito, situada em região interior do país (fig. 1).

Convento de S. Francisco da cidade, Lisboa (1217). Breves notas históricas

A génese da cidade de Lisboa remonta a épocas muito recuadas. Diversos foram os povos que ocuparam esta urbe ribeirinha, deixando-lhe as marcas da sua passagem em muitos assentamentos, cujos vestígios chegaram à atualidade. Muitas descrições desta cidade têm sido realizadas, salientando-se a do Padre António Carvalho da Costa (Costa, 1713: 339), que a refere como um local aprazível e de clima temperado. Descreve-a também através das suas sete colinas e das freguesias que nela à data se circunscreviam.

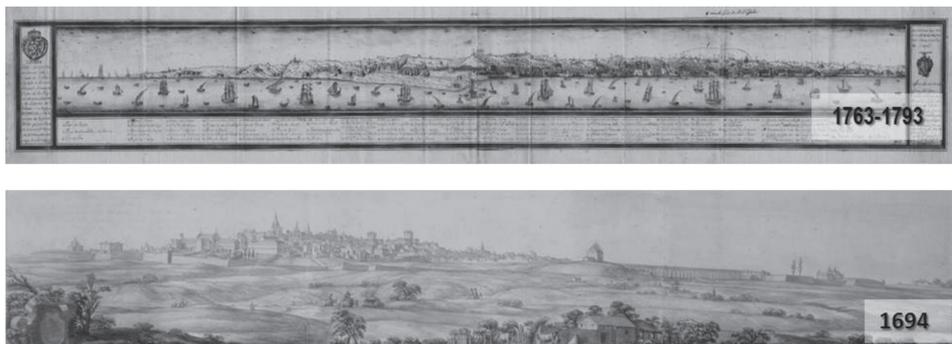


Fig. 1. Lisboa: *Bernardo de Caula*, 1763-1793, fonte BN Portugal. Évora: *Pier Baldi*, 1694, fonte BL Florença.

Crono-morfologia cartográfica e iconográfica da implantação

Para a realização da análise do desenvolvimento, quer das cidades, quer dos edifícios nelas contidos, as fontes cartográficas associadas à iconografia, bem como aos documentos escritos conhecidos, e de consulta viável, revelam-se fundamentais na percepção dos processos evolutivos das mesmas.

Irá fazer-se um estudo analítico de algumas das plantas da cidade de Lisboa, e da implantação do Convento de S. Francisco, para acompanhar diacronicamente as fases por que passaram ambos (cidade e convento), nos seus momentos mais marcantes.

É simultaneamente de referir alguma da cronologia do Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa, a qual se constitui como dado relevante para a compreensão da evolução deste antigo conjunto religioso.

A Fundação do Convento de S. Francisco da Cidade remonta a 1217; este encontrava-se inserido na Ordem dos Frades Menores. No século XVI (1517), ocorreu a passagem do convento à Regular Observância, como sede da Província de Portugal da Ordem dos Frades Menores.

O século XVIII foi particularmente difícil para a história deste convento, já que passou por diversas vicissitudes, das quais se salientam, em 1707 um incêndio que danificou profundamente a igreja conventual.

Mais tarde, em 1741, o convento foi fortemente atingido por um incêndio e teve de ser parcialmente reconstruído, o que aconteceu no ano seguinte. Com o terramoto de 1755, a igreja foi destruída pelo incêndio que deflagrou na sequência do mesmo, ocorrido a 1 novembro. Em 1757, iniciou-se a reconstrução desta casa religiosa. Em 1834, o decreto de abolição das Ordens religiosas em Portugal, datado de 31 junho, promoveu a secularização de todos os bens dos conventos que foram integrados na Fazenda Nacional. Posteriormente, em 1836, através de legislação foi determinada a

instalação da Academia de Belas-Artes de Lisboa em parte do extinto convento. Em 1839 foi emitida a 4ª Carta de Lei, confirmando o decreto de 4 de Dezembro de 1838, pela qual a cerca do convento foi cedida para a construção do Teatro Nacional, atual Teatro de S. Carlos.

Foi solicitada em 1857, ao Ministério das Obras Públicas, licença para se abrir uma rua entre os edifícios da antiga Igreja de São Francisco da Cidade e a Academia de Belas-Artes, para ligar a rua de São Francisco com a rua Nova dos Mártires, o que reduziu ainda mais o antigo espaço da cerca. Em 1911 ocorreu a inauguração do Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC). Este antigo convento franciscano foi classificado por decreto em 1993 como Imóvel de Interesse Público.

Breves notas sobre a musealização

Os museus desempenham um papel fulcral na perpetuação da memória e identidade das comunidades. O colecionismo iniciou-se, desde sempre, pela necessidade intrínseca do ser humano em juntar objetos a que atribuiu valor. Na época romana, esse colecionismo centrou-se nas classes mais abastadas que colecionaram os mais variados objetos, apenas para usufruto dessa sociedade. Esta prática tornou-se ao longo do tempo, cada vez mais abrangente, e conduziu à criação de museus, democratizando a fruição dos vestígios das sociedades humanas. Apenas no século XVII, contudo, foi criado pela Universidade de Oxford, o primeiro museu moderno com o objetivo de formar o público, o Museu *Ashmolean*, fruto do espírito de sistematização do conhecimento pelos iluministas.

O complexo que se pretende estudar, o Convento de S. Francisco de Lisboa, abriga atualmente um conjunto de instituições que são essencialmente ligadas à transmissão da cultura e do saber. A musealização de diversas coleções com que se constituiu é vertente de realce: a Academia de Belas-Artes com um imenso espólio artístico, embora de acesso condicionado; o Museu de Arte Contemporânea, com acesso livre do público às exposições aí patentes; e a Faculdade de Belas-Artes de Lisboa, com acesso semipúblico aos espaços nos quais maioritariamente estão incluídas peças de arte, embora essencialmente frequentados por estudantes da faculdade.

Convento de Nossa Senhora dos Remédios, Évora (1614). Breves notas históricas

A cidade de Évora tem sido descrita ao longo do tempo das mais variadas formas. O Padre Antonio Carvalho da Costa (Costa, 1708: 413), na *Corografia Portuguesa*, descreve-a do seguinte modo:

[...] na latitude de 38. gr. 30. min. & longitude de 13. gr. 10. min. nove legoas ao Sueste de Aviz, no meyo da Província Transtagana està fundada a Cidade de Évora em hum lugar nam muito alto, mas superior a huma grande campina de terras fertilíssimas, cujo remate he quasi rodeado de todas as partes de motes muy disantes, ficando lhe da parte do Oriente, & Norte a celebrada ferra de Ossa, & da parte do Sul os montes de Portel, & Viana, aos quaes le legue a letra de Monte muro, & outros montes mais pequenos [...].

Mas esta narração não se restringe aos aspetos geográficos, estendendo a sua exposição manuscrita à riqueza em cereal do pão, azeite, vinho, mármore e minas de prata então existentes na região.

Crono-morfologia cartográfica e iconográfica da implantação

Far-se-á um estudo analítico de algumas das plantas da cidade de Évora, e da implantação do Convento de Nossa Senhora dos Remédios, para acompanhar diacronicamente as fases, por que passaram ambos (cidade e convento), até à atualidade. Alguma da cronologia de maior relevo deste convento de Évora é também de importância significativa para a sua melhor compreensão. A fundação do Convento de Nossa Senhora dos Remédios, inserido na Ordem dos Carmelitas Descalços, ocorreu em Évora em 1594.

Aagração da igreja deu-se somente em 1614. No final do século XVII, com a Guerra da Independência, entre castelhanos e portugueses, o convento teve papel de relevo na defesa de Évora em 1663. Mais tarde em 1820, durante a 1.^a invasão francesa (*Loison*), este convento foi ocupado e saqueado. Com D. Maria II (Carta de Lei de 30 de julho de 1839), a Igreja e a cerca da extinta casa religiosa foram entregues à autarquia, para o estabelecimento do cemitério público, na sequência da extinção das ordens religiosas em Portugal. Nesse mesmo ano o cemitério público foi instalado na antiga cerca, assumindo atualmente este equipamento público características de cemitério histórico. No ano de 1940 o pórtico de entrada do antigo Convento de São Domingos, da autoria de Nicolau de Chanterene, com a demolição deste cenóbio, foi desmontado e reinstalado na entrada do cemitério público. Durante o período de 1895-1991 ocorreu a realização faseada de obras, de pequena envergadura, a cargo da autarquia eborense.

Entre 1988-2004, foi elaborado o projeto de remodelação pelo Arq. Vítor Figueiredo e a realização de sequente intervenção arquitetónica em parte do conjunto edificado. Depois da conclusão das obras em 2004 foram instalados no conjunto, os serviços da CM Évora, Associação Eboraeumvsica (fundada em 1987) e Conservatório Regional de Música-Eboraeumvsica (criado com o ano letivo de 2003/2004).

Alguns anos mais tarde, em 2009, deu-se a abertura da área expositiva municipal, abrangendo área de exposições temporárias e outra área dedicada ao megalitismo. No âmbito do desenvolvimento de atividades culturais deu-se em 2011 a implementação da «Rota das Torres» a partir do Convento dos Remédios. No ano seguinte a Associação Portuguesa de Museologia, distinguiu o Convento dos Remédios, como melhor trabalho de museografia, Prémio Apom. Apenas em 2015 foi emitido o Decreto de classificação como Monumento de Interesse Público da Igreja e Convento de Nossa Senhora dos Remédios.

Breves notas sobre a musealização

De acordo com a Recomendação produzida pela Unesco em 2015, relativa à proteção e promoção dos museus, das suas coleções, diversidade e papel na sociedade, a vocação dos museus vê reforçado o seu desempenho na preservação, estudo e transmissão do património cultural e natural, sendo relevantes para o diálogo entre as sociedades humanas. Os Museus são assim peças fulcrais para a preservação da diversidade cultural, como promotores e guardiões fundamentais do património que encerram, bem como dos edifícios onde se encontram inseridos, também eles, património imóvel.

O conjunto dos edifícios, das coleções que integram, do papel que desempenham na formação das sociedades, atuais e futuras, são garante da transmissão da memória e identidade dos povos. O complexo em estudo, Convento dos Remédios em Évora, sendo património imóvel, abriga instituições relacionadas com o ensino, nomeadamente o Conservatório Regional de Música, Eborae Musica (associação que tem como objetivo primordial a divulgação dos grandes Mestres polifonistas da Escola de Música da Sé de Évora), áreas expositivas da Câmara Municipal de Évora e respetivas instalações técnicas necessárias ao funcionamento de todo o conjunto. A diversidade constitui uma boa base para o entendimento do que poderá ser compreendido como Património. Exemplo de tal consiste no contributo dado por inúmeros países, através da participação de alguns dos seus estudantes, professores e investigadores universitários, os quais colaborando ativamente nas atividades culturais organizadas têm transmitindo as mais distintas culturas, nas mais múltiplas vertentes.

A participação efetiva de tais pessoas em eventos realizados neste espaço, quer integrando «Jornadas Internacionais» organizadas pela Associação Eborae Musica, quer nos «Dias Internacionais», organizados pela Câmara Municipal de Évora e Universidade de Évora, e efetuados no âmbito de exposições/ciclos de conferências, permite-nos a todos uma visão mais diversificada e abrangente do que se poderá entender como sendo o conceito de Património em distintas culturas e locais geográficos.

Considerações finais

Ambas as casas religiosas, tendo-se situado à data da fundação no exterior das primitivas muralhas determinaram, quando da construção de novo sistema defensivo, o seu traçado para que passassem a integrar área fortificada, quer fosse novo troço de muralha ou baluarte.

Estes dois antigos cenóbios deram origem a um riquíssimo acervo patrimonial, no que se refere a azulejaria, pintura, escultura, ourivesaria ou produção literária, o qual se encontra atualmente disseminado por diversos museus e coleções particulares.

No caso de Évora, algum deste património artístico pode observar-se na Igreja do Convento dos Remédios, que se manteve sempre em uso, constituindo um conjunto patrimonial de relevância, o que não ocorreu com o convento de Lisboa, cuja igreja foi demolida em meados do século XIX.

O que ainda resta deste antigo convento de Lisboa situa-se no centro da urbe, e em local proeminente, marcando a imagem da cidade. Quanto ao convento de Évora, localiza-se em local marginal relativamente ao centro urbano. Estas características de localização influenciam o afluxo e tipo de visitantes, não obstante tratem-se ambas de cidades eminentemente turísticas.

Considerando que estes dois antigos complexos conventuais albergam, também, instituições ligadas ao ensino das artes, este facto potencia outro tipo de público e abordagens expositivas diferenciadas. Torna-se essencial a procura, e sequente adoção, de processos qualitativos eficazes tendentes a preservar e valorizar condignamente o remanescente de tão precioso legado histórico-cultural.

Estes conjuntos cenóbicos entendidos como um todo, a que atualmente se atribui valor patrimonial, foram durante séculos bens de uso quotidiano. Com a extinção das ordens religiosas ficaram devolutos, e sujeitos às funções que desde então lhes foram atribuindo.

Todo o seu conteúdo foi disperso, através de vendas em hasta pública, integrando coleções particulares ou estatais, em propriedade plena ou gerido por diferenciadas entidades e até, pontualmente, com fortes ligações a longínquos locais, sendo de difícil preservação pela dispersão geográfico-institucional.

Não sendo viável a criação de museus específicos para cada um destes edifícios, não pode esquecer-se que alguns deles abrigam peças notáveis, de natureza vária, constituindo-se como museus.

Bibliografia

- COSTA, P. António Carvalho da (1708): *Corografia portugueza e descripçam, topográfica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, geologias das famílias, fundações de conventos, catálogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*, tomo segundo, Lisboa: oficina de Valentim da Costa Deslandes, impressor de Sua Magestade, & á sua custa impresso.
- (1713): *Corografia portugueza e descripçam, topográfica do famoso Reyno de Portugal...*, tomo terceiro, Lisboa: oficina de Valentim da Costa Deslandes, impressor de Sua Magestade, & á sua custa impresso.